

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assigna-se, a 25000 por trimestre, na typographia do *Paiz*, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO I.

O DOMINGO.

MARANHÃO, 11 DE JANEIRO DE 1873.

É este o 1º n. do 2º anno de existencia do nosso jornal litterario. Sae á luz mais amplo, augmentado com quatro paginas. Si esta reforma não mostra ainda o ponto que desejaramos attingir, é, entretanto, uma prova de que caminhamos para elle, pois é evidente que o apoio do publico não é de todo desfavoravel á sua manutenção.

Quando, pela primeira vez, o *Domingo* assentou-se nas bancadas do vasto banquete da intelligencia, mil vozes vaticinarão sua proxima morte.

E tinham razão, porque a vida dos jornaes litterarios, em nossa provincia, dispõe sempre de tão fracos elementos que—raro foi aquelle que poudo contar, na sua passagem, os trezentos e sessenta e cinco dias do anno! Os infortunios destes ephemeros viajantes, comparados com o que tom acontecido com o *Domingo*, máu grado ao seu sentimento pela morte d'aquelles, deixão em resultado uma boa porção de orgulho, que manifestamos, apezar da guerra que lhe faz a nossa modestia.

FOLHETIM DO DOMINGO.

Regeneração e honra.

(Semi-romance).

À MEU AMIGO A. AZEVEDO.

(Vid. n. 48).

IV

Como dissetmos no segundo capitulo, Affonso d'Andrade deixara Sophia, e—quasi repentinamente—dasapparecera. Não seguiu, porém, como elle lhe havia dito, para Minas; mas sim para a sua provincia. Havia mentido, trocando o seu appellido de familia e dizendo ir para outro lugar, porque tencionava esquecer-se de sua victima, abandonal-a para sempre.

A promessa de casamento sempre em taes casos se faz: umas acreditam n'a, outras, embora não creiam n'ella, ouvem-n'a como palavras de consolação e de esperança. Affonso nem podia cumprir essa promessa: estava para

Mas é que, si não conseguimos, conhecem os nossos leitores os esforços que empregamos para nos tornarmos util e agradável.

Uma porção dessa gloriosa existencia é devida, sem duvida, a uma pleiade da nossa mocidade maranhense que parece apostada em sustentar o credito da provincia que se orgulha de ser o berço do maior lyrico brasileiro e do eminente philologo Sotero &. Felizmente maior se tornará o nosso progresso intellectual, quando esta tendencia de instrucção, que parece agora preocupar todos os espiritos esclarecidos, atear-se nas faculdades dos homens ignorantes de que, infelizmente, abunda ainda o nosso torrão natal.

Uma bibliotheca popular, filha dos paternaes desvelos de dois distinctos amadores do progresso, abi está offerecendo a sua benefica luz que, talvez não longe, concorrerá um dia para a prosperidade e engrandecimento da provincia.

São estas as nossas maiores aspirações,—e o nosso programma circumscripito em uma arena maior, em nada será alterado que prejudique este voto. De um estilo ameno e garrido, será um propagador judicioso e severo de todas as boas obras do espirito, e o echo de qualquer intelligencia sensata que procurar alistar-se ás nossas bandeiras!

casar-se. Seu pae, negociante na capital da provincia do Rio Grande do Sul, onde gosava de muito credito e consideração, desejava esse casamento: a moça era filha unica d'um seu amigo. A sua palavra e a de Affonso achavam-se empenhadas. Nada já o poderia impedir. Acresce mais que Affonso tinha real affeição á sua noiva. Tudo decidido, fazia-se já o enxoval das nupcias.

Foi n'este interio que Affonso, por negocios de seu pae, foi á algumas provincias do norte e chegou ao Maranhão.

Affonso não tinha máo coração. Se chegou a enganar a pobre Sophia, seduzil-a e preparar-lhe um futuro negro, foi talvez pelos exemplos e conselhos dos seus compaheiros.

E assim, desde que elle, quasi fugitivo, deixava o Maranhão, sentia o coração comprimir-se: arrependeu-se e teve remorsos do que havia feito. Não amava a Sophia, não lhe tinha mesmo amizade—mas, sympathisava com ella—e agora teve mais o sentimento de—commiseração. O mal, porém, estava feito; o que lhe cumpria fazer?..

ZAIDA.

LEGENDA HERALDICA.

TRADUZIDA POR FERNANDO A. SILVA.

(Vide n. 48.)

Sous bastos cabellos caíam em profusão, desprendendo-se de um atilho de velludo azul, coberto de sequins, e voltejavam em torno de sua encantadora figura: uma camisa de mussolina de seda, bordada em roda do collo e extremidade das mangas, deixava ver uma parte de seu seio e toda belleza de seus contornados braços: uma saia de velludo azul, presa por delgado cinto, descia em flocos ondeados, descobrindo os contornos de suas pernas, tão encantadores como os de seus braços: e umas sandalias de seda, bordadas a ouro, com fitas largas tambem de seda, entrelaçadas em suas pernas, completavam o toilette da joven mussulmana.

Esta era a princeza Zaida, filha unica do Dey.

O Kodja, o captivo e o interprete esperavam em respeitoso silencio que o Dey lhes dirigisse a palavra.

Durante alguns momentos, lord Milloun, absorvido na contemplação da joven mussulmana, interrogava-se, si não era elle o brinco de alguma illusão.

Nunca em sua vida elle havia sonhado um composto de tanta perfeição e graças.

As leis do *harem* não exigiam que a joven occultasse ainda, debaixo de um véo, a vista dos homens, suas graciosas formas: alguns mezes deviam passar-se ainda, para que ella deixasse de ser considerada menina, e fosse submettida as exigencias impostas ás mulheres.

Nada ou tudo. Mas esse tudo era cumprir a promessa de casamento que havia feito, e isso não lhe era possível. E' bem verdade que era mais louvavel o esposal a. Amava, porém, a noiva—e o seu crime apenas foi uma extravagancia do rapaz.

Pobre Sophía!

Entretanto, Affonso nunca ponde esquecer-se d'ella: á noite parecia que a via sempre de joelhos diante de si, pedindo-lhe commiseração... Como maldizia elle aquelle momento de loucura!

Affonso, portanto, tornou-se melancolico e começou a soffrer.

Chegando á sua provincia, teve ainda a triste nova de que a sua noiva achava-se gravemente doente. Uma febre de máo character havia accommettido-a. Quando chegou, já os medicos lutavam com a molestia.

Este acontecimento foi o que veio fazer com que Affonso se esquecesse della. A noiva, que tanto prezava, estava prostrada em um leito de dor! Isto foi bas-

O Dey, voltando-se para a porta, fez um signal com a mão; o Kodja prostou-se, depois levantando-se, fez avançar o captivo. O principe o considerou por alguns momentos, e, satisfeito sem duvida do exame, dirigio-lhe algumas perguntas, que o interprete traduzindo á lord Milloun, as transmittia depois ao Dey.

—Qual é teu paiz? quem és tu? e que fortuna tens?

—E' meu paiz a Inglaterra; meus avós collocaram na cabeça a coroa; minha posição é a dos nobres, e minha fortuna é talvez igual á tua.

Esta breve resposta souou agradavelmente nos ouvidos do Dey, lisongeando sua avariza, pois um sorriso imperceptivel errou em seus labios.

—Então deves amar muito tua liberdade para a comprares por subido preço?

—Fixa-a, e dá-me os meios de escrever a minha familia: a somma que exigires te será enviada.

—Dez mil escudos de ouro!

—Dez mil escudos de ouro; seja.

O Dey arrependia-se já de não haver dobrado a somma, que o seu captivo consentia tão promptamente em pagar; porém fez mentalmente esta recommendação:

—Tratem d'este christão com alguma distincção; que o cuidado das flores do terrasso, do jardim e gallerias lhe seja confiado.

Depois, com um signal, os despedio.

Dois negros entraram, deposeram junto do principe uma pequena meza de ebano; marxetadas de escamas; sobre a qual collocaram um vaso de prata ricamente sinzelado, e um dos negros encheu de café.

—Pae—disse Zaida, aproximando-se do Dey e

tante para magaal-o e prostal-o sobre modo. O enidado que tinha pela salvação de sua noiva fel-o esquecer-se das lagrimas de Sophía.

—Fez bem em vir, Sr. Affonso... lhe diz a noiva—só a sua prosença talvez me faça cessar esta febre, que já me fazia deserer d'esta vida...

—Oh! mas o que diz o Doutor?...

—A' mim diz que nada é; mas á meu pae... não sei...

—Tambem á mim; o Doutor animou-me muito, disse dirigindo-se a ambos o Sr. Diogo Monte-Verde, o futuro sogro de Affonso, entristecendo-se comtudo e voltando o rosto para, em disfarce, limpar os olhos que se lhe enchião de lagrimas.

Um momento depois, quando Monte-Verde se achou a sós com Affonso, disse-lhe:

—Meu amigo, não sabe as agonias que tenho soffrido: o Doutor fallou-me franco... descreveu-me a molestia de minha filha: não ha esperanza de salva-a...

vou por muito tempo, e a cidade tem ainda o nome de—*Anneys*.

Alguns decedentes d'esta familia tiveram o titulo de—*Hulleston of Anneys*.

Depois do seu casamento, a nova lady Milloun collocou na galeria do castello a cabelleira de seu marido, que havia tão religiosamente guardado até então.

Laure Prus. ()*

Eu amo a noite.

Eu amo a noite quando deixa os montes
Bella; mas bella de um horror sublime,
E sobre a face dos desertos quédos
Seu regio sello de mysterio imprime.

Amo o sinistro ramalhar dos cedros
Ao rijo sopro da tormenta infrene,
Quando, anteendo a inevitavel queda,
Mandão aos ermos um adeus solenne.

Amo os penedos escarpados onde
Desprenda o abutre prolongado pio,
E a voz medonha do caiman disforme
Por entre os junecos do lodoso rio.

Amo os lampejos verde-azul funereos
Que as horas mortas erguem-se da terra
E enchem de susto o viajante incauto
No cemiterio da sombria serra.

Amo o silencio, os arcaes extensas,
Os vastos brejos e os sertões sem dia,
Porque meu seio como a senhora é triste,
Porque minh'alma é de illusões vasia.

Amo o furor do vendaval que rugo,
Das asas densas sacudindo o estrago,
Silvos de balas, turbilhões de fumo,
Tribus de còrvos em sangrento lago.

Amo as tormentas que da chuva tumidas
Lanção aos ares um rumor profundo,
Depois raivosas, carcomendo as margens,
Vão dos abismos pernoitar no fundo.

Amo o pavor das soledades, quando
Rolão as rochas da montanha erguida
E o fulvo raio que flameja e tomba,
Lascando a cruz da solitaria ermida.

Amo as perpetuas que os sepulchros ornão,
As rosas brancas desbrochando á las,
Porque na vida não terei mais sonhos,
Porque minh'alma é de esperanças nua.

Tenho um desejo de descanço, infindo,
Negão-me os homens; onde irei achal-o?
A unica libra que ao prazer ligava-me
Senti partir-se ao derradeiro abalo!

Como a eriança, do viver nas veigas,
Gastei meus dias namorando as flôres,
Finos espinhos os meus pés rasgarão,
Pisei-os ebria de illusões e amores.

Sendal espesso me vendava os olhos,
Doce veneno lho molhava o nó. . . .
Ai! minha estrella de passadas éras,
Porque tão cedo me deixaste só?

Sem ti procuro as solidões e as sombras
De um céu toldado de feral caligem,
E gasto as horas traduzindo as queixas
Que á noite partem da floresta virgem.

Amo a tristeza dos profundos mares,
As aguas turvas de ignotos rics,
E as negras rochas que nos plainos zombão
Da insana furia dos tufões bravios.

Tenho um deserto de amarguras n'alma,
Mas nunca a fronte curvarei por terra!
Ah! tremo ás vezes ao tocar nas chagas,
Nas vivas chagas que meu peito encerra!

A autora desta linda poesia, uma senhora portugueza, pela sua excessiva modestia, não consente que seja declarado o seu nome.

CHRONICA.

Manifesta um poeta francez o melhor remedio para a saude—da seguinte maneira:

*Peu de médecin,
Peu de médecine,
Point de chagrin,
Sobre cuisine,
Se tu prétends
Vivre long-temps.*

O remedio, porém, que eu vou ensinar ao respeitavel publico maranhense, é mais efficaz e experimentado.

Além do padre Bourdaloue, não diz a historia quem tenha vivido dilatados annos em perfeito estado de saude, adoptando aquelle systema economico; ao passo que, de meu lado, apresento immensos casos para attestar a efficacia da minha receita.

Eu me explico:

(*) Achamos mais conveniente á leitura publicar o resto inteiro desta legenda, começada no ultimo numero. • Durante o anno que findou, o *Domingo* não teve o duplo desprazer de perder um só dos

seus assignantes, por caso de morte; os poucos que tiveram *beri-beri*, que era um mal inevitável—porque assolou—ficaram completamente bons; toda a casta de felicidades lhes tem vindo: fiz uma pequena estatística com o livro das assignaturas, que me foi confiado pela redacção e vi que estão todos gordos, rosados, bonitos, casados—na sua maior parte—etc.

Já veem os meus amáveis leitores que o melhor meio de viver muito e feliz é... assignar este periodico.

Assim pois aquelles que estiverem doentes ou tristes são esperados nesta typographia com seu nome, morada, e... etc.

—Não são apenas os barbeiros de Lisboa que se constituem em *grêce*, dando assumpto aos folhetinistas e excitando os animos dos *barbaças*; tambem os cocheiros e conductores da *Ferro-Carris* do Maranhão, na noite de 4 para 5 d'este mez, fizeram a sua *grêce*, ou *parede*—como em linguagem escolastica lhe chamou o *Publicador*.

Os motivos já foram claramente expostos pelos jornaes, e o resultado foi muito simples e ao mesmo tempo agradável aos insurgentes porque, além de não trabalharem durante algumas horas, talvez sem perda de vencimentos, tiveram ainda por cima um soffrível *bródio* no acto da conciliação, a expensas do Sr. Mazuli, segundo estou informado.

Ora vejam os meus leitores que pechincha, em plena vespera de Reis!...

Invejosos do bom exito dos seus immediatos superiores, consta-me que os animaes da companhia acharam esta occasião azada para fazerem tambem a sua *grêce*, pretextando a muita mosca das mangedouras e mais logares de recreio das respectivas estações.

Para com estes, porem, foi o José Moriçoca e não o Sr. Mazuli, o conciliador; pois que, empunhando com rara maestria o conciliativo chicote, conseguiu enchutar-lhe convenientemente a mosca, dando-lhe por *bródio*, (conclusão indispensavel n'estes casos), nova ração de milho e de capim.

Escusado seria acrescentar que os burros, por sua vez, tornaram-se ás boas...

Agora, comparando o exito de *ambas as partes*, chego a ficar indeciso e vacilante sobre a conveniencia das *grêces*; todavia, reparando attentamente em certas circumstancias attennantes e agravantes, convenço-me, em ultima analyse, de que, sabendo-se levar as cousas com goito, nunca o resultado será desanimador; e corrobora este meu entender o satisfatorio exito que já uma

vez tiveram os alfaiates d'esta cidade, além de muitos outros casos identicos que possam ter havido por esse mundo de Christo, e que a historia provavelmente ha de ter registrado, mas que me não recordam agora precisamente para citar.

—O meu collega *Domingos*, fallando no ultimo numero d'este jornal dos presepes com que n'esta religiosa terra se commemorou o nascimento do Messias, deixou de especialisar convenientemente um, ali para a rua da Cruz, que era cortado por uma estrada, onde se presenciavam corridas de *bonds*—de papelão, carros de conducção, etc.. etc.

Eu cá é que não posso omitir a existencia de semelhante *obra prima*, declarando ao mesmo tempo que acredito muito na simplicidade *progressiva* d'esses tempos primitivos.

Pois então quem é que não sabe que, antes de nascer o Creador do Mundo, já havia *bonds*, caminhos de ferro, e tantas outras invenções do engenho humano, que agora nos querem impingir por novidade?!

Ora, ora, ora, ora!...

—O Sr. Rossini *deu em cheio* reduzindo para metade o preço das entradas na sua exposição de figuras de cêra. Qual será o adulto que não quererá conhecer *pessoalmente* aquelles *figurões*, pela diminuta quantia de quinhentos reis?...

Quanto a mim declaro francamente que esperava só a redução no preço da entrada das crianças, para ir, com o meu bilhete de *bond*, dar um aperto de mão ao meu amigo *Bismark*.

Se quer ouvir alguns conselhos o Sr. Izidoro, escute:

1.º Mude o *Bismark*, o *Molki* e o *Guilherme* para o quadro da fome, pois têm caras de quem a têm.

2.º Venda toda aquella cêra aos Srs. Lopes de Souza & Irmão, á rua de Sant'Anna. Ha de fazer negocio.

3.º Venda os fatos e as cabelleiras e barbas ao Sampaio pé-velho e ao Seiffert, que as aproveitará para o carnaval.

4.º Venda tambem o caixão do general Prim á Santa Casa da Misericordia.

—A não ser isio... *baban*.

—Abriram se as aulas; distribuiu-se o *Almanak*, trabalho perfeito do Sr. João Candido de Moraes Rego; abre-se o Lyceo; dissolvem-se firmas; contrahem-se ontras, e eu, farto de *chronica*, assigno-me

Eloy, o herôe.

Maranhão.—Typ do Paiz, impresso por M. F. V. Pires